

**A INVENÇÃO DA HISTORIOGRAFIA
BRASILEIRA PROFISSIONAL**



Copyright © 2020, Wagner Geminiano dos Santos.

Copyright © 2020, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, lj 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
- Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - França)
- Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
- Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Unicamp)
- Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
- Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

WAGNER GEMINIANO DOS SANTOS

A INVENÇÃO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PROFISSIONAL

Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais
e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil
(1980-2012)



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Arí T. Souza - Aspectos

Projeto Gráfico e Editoração

Weverton Bragança do Amaral

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237i Santos, Wagner Geminiano dos.

A invenção da historiografia brasileira profissional. Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil/ Wagner Geminiano dos Santos.

Vitória: Editora Milfontes, 2020.

480 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-38-5

1. Historiografia Brasileira 2. Memória disciplinar 3. Teoria da História I. Santos, Wagner Geminiano dos II. Título.

CDD 901.01

Agradecimentos

O agradecimento como ato político, de quando um filho de agricultores se faz doutor

Desde que iniciei a vida acadêmica tenho uma atenção especial pelos agradecimentos feitos em dissertações, teses, livros e similares. Acredito que eles trazem uma marca de historicidade muito importante para qualquer trabalho. Dizem muito sobre aqueles que escrevem e, sobretudo, como pensam o seu fazer e o articulam a partir de um dado lugar social. Sempre quando o faço procuro fugir ao tom protocolar que caracteriza boa parte destes textos e busco produzir narrativas condizentes com o percurso da pesquisa que realizei. E desta vez não poderia ser diferente. Quero marcar, sobretudo, as diversas contribuições que tornaram possível ou se constituíram como fundamentais para a realização deste trabalho.

Neste sentido, inicio agradecendo aos governos Lula e Dilma. Sim, a seus governos. Pois, sem as políticas públicas de ampliação e democratização do ensino superior e das vagas nas pós-graduações, sobretudo com a garantia de bolsas de pesquisa, abertas em seus governos dificilmente eu estaria aqui apresentando à sociedade os resultados desta pesquisa. Dificilmente um filho de agricultores, nascido no sertão da Paraíba, vindo morar em Recife sem conhecer praticamente ninguém, sem as mínimas condições financeiras de manter-se na capital pernambucana sem o auxílio de uma bolsa, teria conseguido finalizar o mestrado e, tão pouco, terminar o doutorado. Portanto, este trabalho é mais um dos milhares de frutos das políticas públicas que garantiram financiamento, bolsas de estudo e, sobretudo, oportunidades para milhares que, como eu, tinham o sonho e a vontade de um dia se fazerem doutores, de escreverem livros. Hoje este sonho se concretiza. E ele traz as marcas, as digitais dos governos petistas, de Lula e Dilma. Não poderia ser mais grato. E uma das formas de fazê-lo é reconhecendo a importância das políticas públicas que estes dois governos criaram, em especial para a educação superior, e que permitiram minha formação até a conclusão do doutorado.

Minha gratidão e agradecimentos se estendem também, sempre de forma primeira, a minha família. A meus pais, José Júlio e Marli. A eles devoto sempre o melhor de mim, com eles aprendi o melhor de mim. Neles tenho sempre meu porto de partida e de chegada. Nestes últimos

anos mais de partidas que de chegadas. Mas o amor permanece, a cada dia mais forte e presente. Sei o quanto torcem por mim, o quanto me amam, mesmo distantes, mesmo sem minha presença física por perto. A eles não tenho como agradecer o não medir esforços para que eu me dedicasse, integralmente, aos estudos. Mesmo em períodos difíceis, em que certamente seria mais útil se estivesse trabalhando e contribuindo com o sustento da casa e da família, eles nunca permitiram que o fizesse. Sempre me quiseram estudando “para ser doutor”. Meu pai, minha mãe hoje vocês podem dizer e se orgulhar ainda mais, seu filho se fez doutor, não por que se graduou em Direito como vocês queriam, mas porque cumpriu com a árdua jornada, principalmente para quem não nasceu rico neste país, de se dedicar a formação superior e cumprir com as obrigações de um mestrado, depois doutorado, e que agora tornou-se doutor, de fato e de direito.

Agradecer a meu irmão, Fagner Giminiano, minha cunhada Juliana e meus sobrinhos Maria Eduarda e Enzo Gabriel. A família aumentou, e com ela o orgulho de se sentir mais acolhido e amado. Meu irmão é um exemplo para mim, de força de vontade, de capacidade de dar a volta por cima, de perseverança, de inteligência. Quero vê-lo, em breve, ocupando este mesmo lugar que hoje acesso.

Nem todo mundo tem o privilégio de poder ter nos seus sogros e cunhado uma segunda família. A Ernane e a Luziara (Lú) sou eternamente grato por tudo que fizeram e fazem por mim. Sei que vocês me têm como um filho e eu os tenho como segundos pais. A mesma gratidão estendo a meu cunhado, que considero um irmão.

Mas gratidão maior tenho para com minha esposa, Wanessa, e meus dois filhos, Sophia e Miguel. A eles sou grato por estarem sempre ao meu lado, em todos os momentos. Sempre ali, cobrando minha atenção, suplicando por um pouco de carinho. Que, infelizmente, ao longo destes últimos cinco anos foram rareando de minha parte para com eles. Sempre assoberbado de trabalho, de pesquisa, de tese, ao ponto que chegou determinados momentos que morávamos no mesmo espaço, mas nos víamos a cada três dias. Sou profundamente grato por, mesmo assim, continuarem me amando, cuidando de mim, querendo-me sempre perto, pedindo por um final de semana em família. Ao ponto de minha filha tomar verdadeira ojeriza desta palavra, tese. O que para mim é uma enorme conquista, muitas vezes para minha família significou o meu distanciamento, a minha ausência. Mas agora passou. Posso dizer que cada minuto pensei em vocês três. Nos momentos mais complicados, nos

momentos finais em que cheguei a pensar em dizer chega, nos momentos de extremo cansaço físico e mental, saber que vocês estavam ali onde sempre estiveram e onde sempre vão estar, ao meu lado, revigorando-me. Não há amor maior que o meu por vocês. Não existe eu sem vocês. Vocês estão em mim e de agora por diante estarei mais com vocês. Esta tese, agora tornada livro, é para vocês.

Ah, os amigos. O que falar deles? Como agradecê-los? São vários, de vários estilos, de inúmeros lugares, de diversas posições e opções. Alguns posso chamar de irmãos, outros de amigos. E talvez, no nosso vocabulário, não aja palavra mais bela, mais honesta e sincera para definir uma relação que essa, amizade. E felizmente fui agraciado com vários deles, que fica difícil enumerá-los sem correr o risco de esquecer alguém. Ingrid, Sheyla, Tavinho, Renatinha, Pablo Spindola, Karla Carvalho, André, Márcio Ananias, Giscard, Félix, seu Eduardo, Laís Bento...pessoas que me tornam melhor, que me humanizam a cada dia, com quem aprendo, com quem cresço pessoalmente. Amigos que torcem por mim, que me devotam respeito, carinho, amor e, sobretudo, amizade. Este percurso tem um pouco de cada um de vocês. Eu tenho um pouco de cada um de vocês. O que seria de nós sem os amigos, o que seria de mim sem vocês.

Não poderia deixar de agradecer também aos companheiros de trabalho. A todos aqueles que nestes últimos dois anos, sobretudo nesta reta final, trabalharam comigo na Secretaria de Educação de São José da Coroa Grande. Que compreenderam minhas ausências e seguraram a barra para que o trabalho fluísse e fosse realizado com o mesmo empenho de sempre. O que me possibilitou uma maior dedicação e tranquilidade na escrita desta tese. A todos vocês meu muito obrigado.

Caminho para finalizar estes agradecimentos, mais uma vez, agradecendo e me posicionando politicamente em defesa da educação pública. Pois sou filho dela, sou fruto da escola pública e da universidade pública. Sem ela, sem sua estrutura, sem seus profissionais jamais me tornaria o que sou hoje. Este doutorado e a pesquisa dele decorrente, que agora se faz livro, é construção coletiva. Produto de muitas mãos. Com isto não estou querendo ser modesto e renunciar ao meu compromisso diário com os estudos e com a pesquisa. Mas sou grato o suficiente para reconhecer a importância da escola pública, da universidade pública e, sobretudo, de seus professores em toda a minha formação até este momento. Foi na universidade pública que conheci uma das pessoas mais fundamentais em minha vida profissional, intelectual e pessoal. O professor e hoje amigo

Durval Muniz de Albuquerque Jr. Professor na graduação, orientador no mestrado e um dos objetos de estudo deste trabalho. Ser humano admirável, sincero, honesto, generoso, inteligente. Com ele aprendi a importância da generosidade, da humildade tanto profissional quanto intelectual. Com ele aprendi a ser historiador, a me pensar como historiador. Este trabalho, em grande medida, nasceu deste encontro, com sua obra, com seu pensamento, com sua pessoa. Querido Durval, mais uma vez muito obrigado por tudo, em especial pelas inúmeras conversas, ao longo destes cinco anos, sobre esta tese. Foram sempre inspiradoras e estimulantes.

Foi a universidade pública que me permitiu conhecer Antônio Paulo Rezende. Meu orientador. Uma pessoa e um professor fantástico. Com ele aprendi na prática o significado de liberdade intelectual. Antônio é uma pessoa sem vaidades intelectuais, mesmo do alto de toda a sua carreira. Afetuoso, generoso, amigo. Suas aulas são um encantamento. São acontecimentos. Seu modo de conduzir a orientação, a distância, mas sempre presente, sempre preocupado e atento. Sensível às nossas angústias e potências. Este texto tem muito dele, mas a inteira responsabilidade de tudo que foi dito e como foi dito é só minha, da permissão que ele me deu para exercitar minha liberdade de pensar, de pesquisar, de produzir, de escrever. Com Antônio aprendi, sobretudo, a como ser professor. A você toda minha gratidão. O seu entusiasmo a cada conversa nossa foi sempre uma das energias mais revigorantes de toda a caminhada. Muito obrigado.

Quero agradecer também a Sandra e a Patrícia, funcionárias públicas exemplares, sempre carinhosas e atentas às nossas demandas no PPGH, sobretudo para nos ajudar a resolver os entraves burocráticos da caminhada. Sou muito grato a ambas.

Não poderia deixar de agradecer também aos membros da banca de qualificação, que também compuseram a banca de defesa: Professor Flávio Weinstein e Professor Jorge Siqueira. Suas arguições, o rigor e generosidade com que leram o trabalho e conduziram a banca de qualificação, as sugestões dadas foram fundamentais para os rumos que o trabalho tomou e como ele ora se apresenta.

Agradeço imensamente a generosidade dos membros externos da banca, Professor Alarcon Agra do Ó, velho conhecido, meu professor de graduação, que me deu a honra de avaliar este trabalho; que ainda guarda um pouco de suas aulas de teoria da história na UFCG, minha casa primeira. Ela não poderia deixar de estar representada na banca, e ninguém melhor que Alarcon para fazê-lo. Agradecer aos professores Fernando Nicolazzi,

da UFRGS, e Rodrigo Turin da UNIRIO, por terem aceito o convite para participarem da banca. Desde o início do contato sempre muito atenciosos e generosos. O professor Fernando tive o prazer de encontrar e conversar pessoalmente em Brasília, quando do evento nacional da ANPUH em 2017. Humildade em pessoa. Parecia que nos conhecíamos a anos, mesmo sendo o primeiro contato. O professor Rodrigo Turin apesar de não o conhecer pessoalmente, foi da mesma receptividade desde o primeiro e-mail. Infelizmente, não pude ter o prazer de conhecê-lo pessoalmente no momento da defesa. No país de um governo golpista e ilegítimo que assaltou o poder de estado, a universidade pública está mais uma vez sob ataque. Dado o desmonte implementando no último ano, não há mais recursos para os programas de pós-graduação custearem, sequer, a vinda de professores de outros Estados para a participação em uma banca de doutorado.

A participação de ambos teve de ser por Skype. Uma frustração para mim, tão afeito que sou a conversa e ao debate feito com interlocutores presentes fisicamente. Infelizmente a universidade pública tem de se submeter, mais uma vez, ao desmonte neoliberal e a sanha predadora de nossas elites e oligarquias escravocratas que tomaram, mais uma vez de assalto, o estado brasileiro. É preciso reagir e resistir. É preciso dizer as pessoas que a Universidade pública não é privilégio, mas um dos únicos meios pelo qual o filho do pobre, o preto favelado, em que o filho de agricultor, vindo do sertão da Paraíba pode se fazer doutor, onde muitos outros, como eu, podem trilhar o mesmo percurso. Finalizo, portanto, rendendo todas as minhas homenagens e agradecimentos a universidade pública, em especial às instituições que me fizeram historiador e, neste momento, doutor, a UFCG e a UFPE.



Sumário

Prefácio.....	13
Introdução.....	17

Parte I:

A historiografia brasileira em revista: geografia e memória disciplinar, debates teóricos; uma abordagem a partir da *Revista Brasileira de História* – RBH

O lugar social de produção da RBH.....	37
Lugares institucionais: a RBH e a ANPUH.....	37
A RBH e as pós-graduações.....	53
A RBH e a construção do <i>nós</i> historiográfico.....	71
A publicação na RBH e o crivo dos pares.....	88

A RBH e a configuração do campo historiográfico brasileiro profissional, acadêmico: cartografando lugares e estabelecendo uma memória disciplinar..... **99** |

A RBH NOS ANOS 1990: as redes intelectuais e institucionais que cartografam a historiografia brasileira profissional, acadêmica.....	99
Erigindo fronteiras geográficas em torno de dadas memórias disciplinares para o saber histórico no Brasil: disputas pela “moderna historiografia brasileira”.....	121
Configurando a geografia disciplinar da historiografia brasileira profissional, acadêmica nos anos 2000: cartografando novos espaços e redesenhando antigos lugares e áreas.....	138
As comemorações do cinquentenário da ANPUH e dos 30 anos da RBH: a memória disciplinar da associação e da revista em cheque.....	149

Uma nova cartografia: os debates teórico-metodológicos como definidores da geografia disciplinar da historiografia brasileira profissional, acadêmica..... **199** |

Escritas da história nas páginas da RBH: ensaiando debates teóricos, metodológicos e historiográficos.....	200
A RBH e a definição de dados marcos teóricos e metodológicos para a “moderna historiografia brasileira”: usos e apropriações.....	221

Parte II

A historiografia como epistemologia da história: pavimentando o caminho entre a crítica historiográfica e a história da historiografia

A retórica da crise e a emergência da crítica historiográfica no Brasil a partir dos anos 1980: uma tentativa de definir a historiografia brasileira profissional, acadêmica 257

De giro em giro, os historiadores ficaram tontos: uma “renovação” teórico-metodológica ou uma “crise de paradigmas”?..... 257

A retórica da crise em cheque: uma leitura da geografia disciplinar do saber histórico no Brasil dos anos 1980 a partir das margens..... 288

Um giro teórico e epistemológico: “uma crise da história ciência” ou a crítica historiográfica como solução teórica para mais um giro?..... 296

A Revista estudos históricos – REH e a formação de uma rede intelectual para pensar a história da história no Brasil: a crítica historiográfica como epistemologia da história 315

A historiografia brasileira como objeto de reflexão epistemológica..... 315

Crise da história ou crise dos historiadores? Francisco Falcon e a crítica historiográfica como instrumento de reflexão sobre a identidade do historiador..... 341

A crítica historiográfica no Brasil nos anos 1990 e o “espectro” do *linguistic turn*: um “combate” entre “modernos” e “pós-modernos” 354

A Revista Anos 90 e a especialização de uma área de discussão do conhecimento histórico: pensando a teoria e a metodologia da história como área de pesquisa no Brasil 397

Durval Muniz de Albuquerque Jr.: a crítica historiográfica pensada a partir da “terceira margem do rio” ou “um olhar das margens” 426

Considerações finais..... 449

Posfácio..... 455

Referências 459

Prefácio

No momento em que escrevo este prefácio, a sociedade brasileira enfrenta, entre revoltada e estarecida, um dos mais violentos ataques às universidades federais já vistos na sua breve história em nosso país. Capitaneadas por uma política educacional que, na ausência de qualquer planejamento social ou coerência administrativa, instituiu como meta o estrangulamento do ensino superior público no Brasil, as autoridades responsáveis demonstram um profundo ressentimento com aquilo que tais instituições oferecem de melhor: a construção de um conhecimento crítico, a busca por formas efetivas de inclusão social e a luta pela melhoria da qualidade da democracia em nossa sociedade.

O livro que o leitor e a leitora têm nas mãos é uma manifestação particular da capacidade das universidades públicas brasileiras articularem pesquisa de qualidade, democratização do saber e justiça social. Tive o prazer de participar da banca que arguiu este trabalho e que conferiu a seu autor o título de doutor em História. Desde o momento em que iniciei a leitura da tese, eu que costumo ler com particular interesse e curiosidade as formas de gratidão que normalmente antecipam o trabalho propriamente acadêmico, o que logo despertou em mim um misto de respeito e admiração foi o título escolhido para tais agradecimentos: um “ato político” e, por meio deste ato, uma afirmação em tom bastante pessoal: “de quando um filho de agricultores se faz doutor”.

Nossa sociedade sempre foi estruturada a partir de algumas premissas que se mantiveram intactas e inquestionadas por longos períodos de tempo. Uma delas é que um filho de agricultores não poderia jamais alimentar o desejo de carregar nas mãos, como instrumento de trabalho, um diploma acadêmico, quanto mais ostentar um título de *doutor* diante de seu nome próprio. Suas mãos seriam destinadas a outro tipo de labor, um labor que garantisse a perpetuação de condições sociais que lhe antecediam. Segundo aquelas premissas, seria ilusório e pretensioso querer transformar estas condições, encaradas como um desígnio da própria natureza. Obviamente, isso não quer dizer que o trabalho no chão da terra seja algo menor ou desprovido de valor. Muito pelo contrário e a questão aqui não é essa.

O ponto que quero enfatizar é que condições sociais não significam necessariamente condicionamentos imutáveis. O ato que o agradecimento

da tese carrega assim o demonstra. Em outras palavras, o fazer-se doutor por parte de um filho de agricultores é não apenas um processo de realização pessoal, mas também uma forma de afronta política contra tudo aquilo que não tem outro objetivo senão conservar um determinado *status quo* excludente e injusto. E não há dúvidas que este fazer-se traz em si as marcas da própria experiência histórica que define aquele que o realiza.

O terreno fértil em que o trabalho de Wagner Geminiano é feito não deixa de ser também um solo de difícil lavra. Nem sempre é fácil a um historiador lidar com aquilo que está muito próximo no tempo, ainda mais quando a vizinhança temporal vem acompanhada pela proximidade do objeto da pesquisa, qual seja, a sua própria prática historiográfica. O livro investiga um período bastante recente da historiografia brasileira, marcado notadamente pela sua consolidação institucional em termos de ensino e pesquisa universitária, mas também pela sedimentação dos princípios disciplinares que conformam um determinado campo de saber.

Há uma hipótese que atravessa o conjunto dos argumentos desenvolvidos pelo autor e que, não sendo de modo algum incontroversa, oferece uma perspectiva importante para situarmos hoje o lugar da história acadêmica no conjunto mais amplo de discursos a respeito do passado nacional, os quais transcendem em muito os limites institucionais das universidades e também os limites epistemológicos daquele campo de saber. Assim, este livro oferece uma interpretação segundo a qual a noção de “historiografia brasileira” teria passado, a partir dos anos 1980, por um processo de singularização disciplinar que garantiu certos privilégios aos historiadores e historiadoras situados nas universidades e que, a partir deste lugar, operam segundo certos parâmetros teóricos e protocolos metodológicos bastante específicos.

“Historiografia brasileira” seria, então, uma expressão própria do tipo de escrita da história realizado no âmbito de uma disciplina delimitada social e epistemologicamente, cujo principal *locus* de produção se encontra no sistema universitário brasileiro. Este processo de delimitação disciplinar, na perspectiva defendida pelo autor, não ocorreu sem que alguns recortes espaciais e temporais fossem realizados, estabelecendo tanto uma geografia como uma memória da disciplina histórica no Brasil, ambas impregnadas não apenas por anseios de saber, mas igualmente por relações de poder que configuraram o que hoje entendemos ser a “historiografia brasileira”.

Algumas das questões que emergem desta argumentação dizem respeito às consequências deste tipo de processo, chamado no livro

de “invenção”, para a definição das formas de relação com o passado assumidas pela sociedade brasileira. Em outras palavras, se lendo este livro temos elementos para saber o que é hoje entendido como “historiografia brasileira”, sabemos também que nem tudo aquilo que é dito, escrito e realizado sobre nosso passado é compreendido dentro dos limites desta noção. Neste sentido, qual o lugar da prática historiográfica e qual o papel de seus praticantes num contexto em que, como o autor ressalta ao final de seu estudo, é permeado por uma crise de legitimidade desta prática e por uma profunda desconfiança em relação ao seu praticante?

Obviamente, a interpretação oferecida por Wagner Geminiano não está isenta de um tom polêmico que, antes de ser mera provocação inócua, funciona aqui como um convite ao debate e à reflexão. Esta abertura ao debate que o autor possibilita e instiga ficou para mim muito evidente naquela quarta-feira de fevereiro de 2018 em que, após apresentar o fruto que foi cultivado com cuidado nos anos anteriores, este filho de agricultores, com o profundo reconhecimento daqueles que comigo dividiam os trabalhos, fez-se doutor.

Fernando Nicolazzi
Barcelona, maio de 2019

